

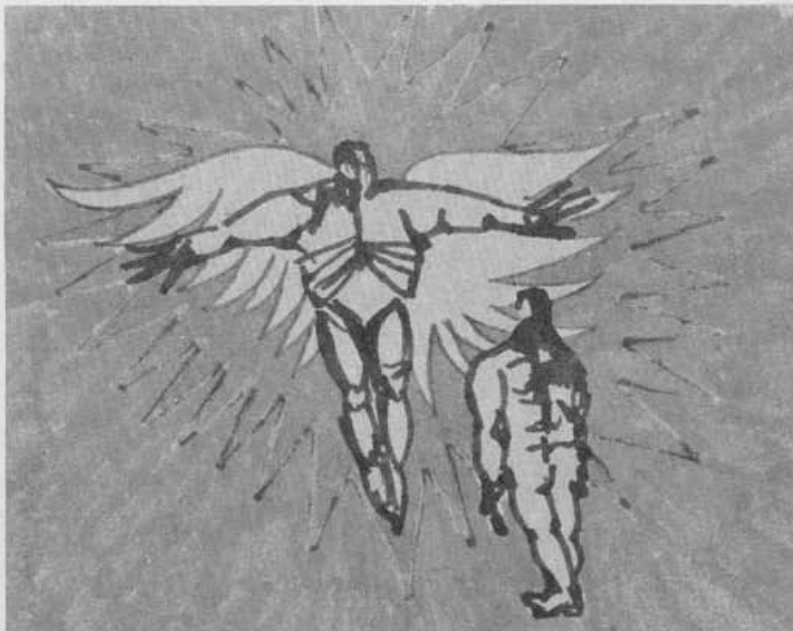
EM agosto de 1953, os jornais cariocas anunciavam *Sintonia Amazônica* como "o primeiro desenho animado de longa-metragem feito no Brasil por um só homem: Anélio Latini Filho". O filme estava em exibição num circuito de oito cinemas, encabeçado pelo Pathé. Dezoito anos se passaram, até que a façanha fôsse reeditada por um outro desenhista solitário. Em fevereiro de 1971, os jornais de Manaus davam ampla cobertura a *Presente de Natal*, de Álvaro Henriques Gonçalves, "o primeiro desenho animado de longa-metragem feito no Brasil, a côres". Entre o pioneirismo de um rapaz de 28 anos (o fluminense Latini) e a persistência de um advogado de 41 anos (o amazonense Gonçalves), situam-se diversas tentativas de realizar no Brasil desenhos animados de longa-metragem.

O paulista Hamilton de Souza (42 anos) esteve à frente de uma equipe que há três anos tentava concluir o longa colorido *História da América*. O desenho seria dividido em três partes (cada uma com cerca de meia hora): *A Descoberta*, *A Colonização* e *O Desenvolvimento*. Mas a empresa produtora foi à falência e só a primeira parte, *A Descoberta*, chegou a ser concluída e exibida para convidados especiais em São Paulo, no Teatro Anchieta. Uma lástima, porque a fita ampliaria a veia satírica exposta por Hamilton, em 1962, no seu curto *Uma História do Brasil — Tipo Exportação*, fruto das horas desocupadas de uma turma de amigos cineastas, o Grupo Tan Tan.

Enquanto isso, com a paciência peculiar a todo oriental, Ypê Nakashima (44 anos), desde 1956 radicado no Brasil, vinha realizando em silêncio o seu desenho longo, *As Aventuras de Picon Zé*. Reunindo em São Paulo, às expensas da Telstar, uma equipe nissei, Nakashima percorreu o longo caminho: seu filme está quase pronto.

O mesmo não pode dizer Anélio Latini Filho. Enclausurado num ateliê de Copacabana, Latini pinta quadros da Amazônia para turistas, enquanto seu novo desenho longo, *Kitan do Amazonas*, desta vez a côres, não passa da prancheta — onde já se acumulam centenas de originais — à câmera de filmar.

Por aí se vê que o desenho animado do Brasil não tem incentivo oficial nem comercial, sendo a perigosa (porém idealista) aventura de alguns teimosos artistas. O próprio Latini, com toda a justa promoção que teve o seu feito pioneiro, jamais reencontrou condições de repeti-lo e ampliá-lo: carregado de glórias, mas vazio de dinheiro, teve após *Sintonia Amazônica* de dedicar-se ao



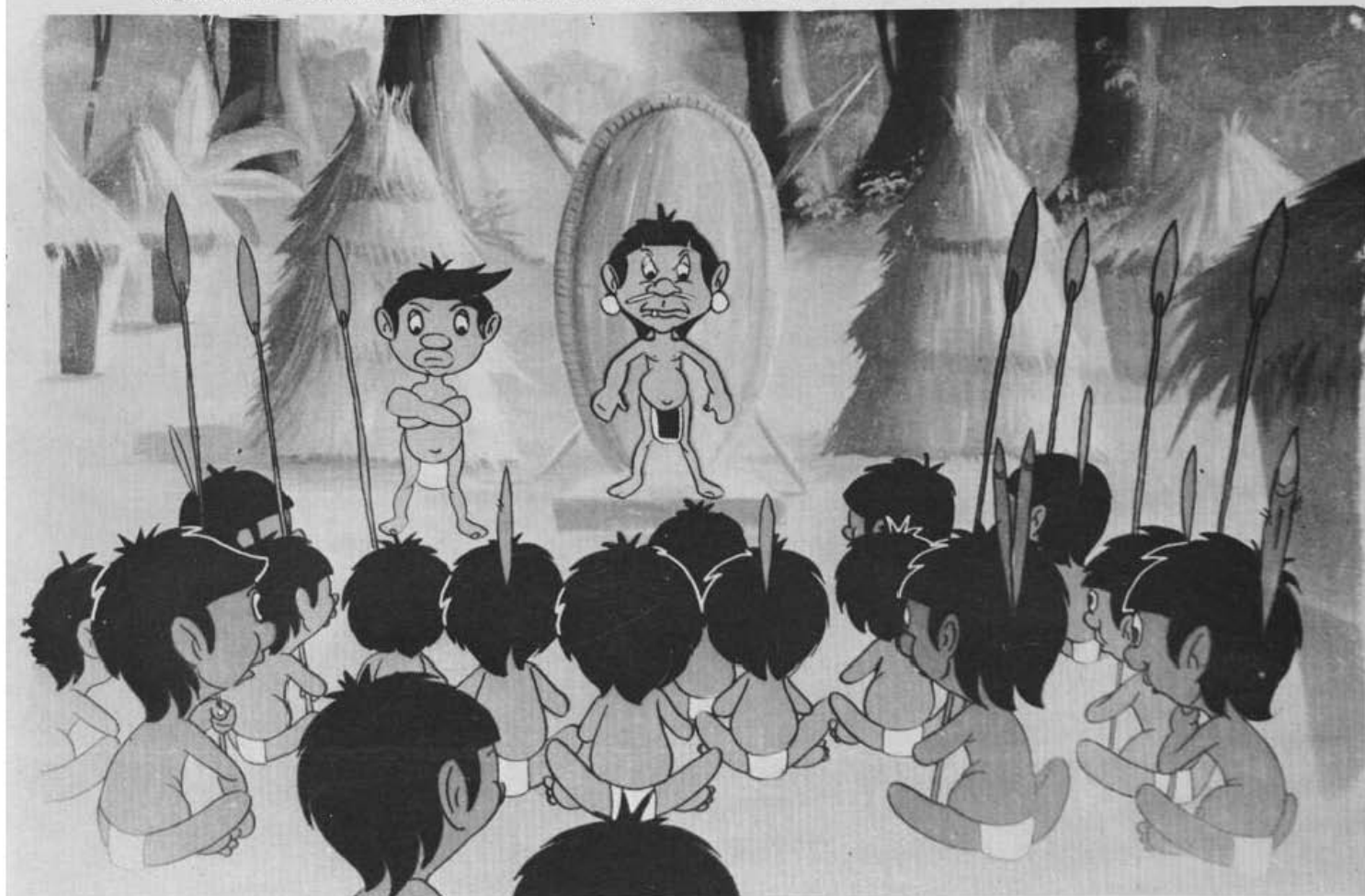
COM O CURIOSO BATUQUE, STIL OBTEVE UM PREMIO EM BRASILIA

Situação do desenho animado no Brasil

A. Carvalhaes



ANÉLIO LATINI FILHO CRIOU ESCOLA COM SINFONIA AMAZÔNICA (ABAIXO), FANTASIA INSPIRADA EM MITOS DA SELVA BRASILEIRA





DOIS EXEMPLOS DE PERSISTENCIA: ALVARO HENRIQUES GONÇALVES E YPE NAKASHIMA



cartoon de propaganda, que em seguida abandonou para realizar-se mais livremente na pintura, da qual agora vive.

Melhor sorte não tiveram os que experimentaram filmes curtos. O paulista Roberto Miller (46 anos), que se especializou em animação abstrata (na seara de Norman McLaren, do qual é discípulo por correspondência), formou uma talentosa filmografia em 16 mm, antes de passar para o 35 mm com *Desenho Abstrato* e de se decepcionar com a ninharia que recentemente os exibidores lhe deram pelos direitos de *O Átomo Brincalhão*.

Este fantasma não afugenta o carioca Pedro Ernesto Stilpen (aliás, Stil, 27 anos), que, ao se revelar na bitola estreita, como o talentoso criador de tipos Carlos Alberto Pacheco em *Status Quo*, logo partiu para o 35 mm com *Urbis* e o excelente *Batuque* (melhor curta-metragem do Festival de Brasília de 1970 e um dos representantes do Brasil no Festival de Oberhausen de 1971).

E o que é feito dos muitos que no Brasil tentaram fazer cinema de animação? Quem se lembra de Luiz Seel, autor de *Macaco Feio*, *Macaco Bonito*, um dos primeiros do gênero no país, logo no início do cinema sonoro? E do paulista Rubens Francisco Lucchetti ou do italiano Bassano Vacarini que, associados em Ribeirão Preto, chegaram a animar dois filmes abstratos na década passada? (Em tempo: *Vôo Cósmico* e *Turbilhão*)

Quando o carioca Jorge Bastos poderá se ver livre da propaganda e realizar algo de mais pessoal, como *A Linha*, seu desenho de 1968? Bastos tem na gaveta o projeto ambicioso de levar para a tela desenhado, num longa-metragem, o livro de Monteiro Lobato, "Viagem ao Céu".

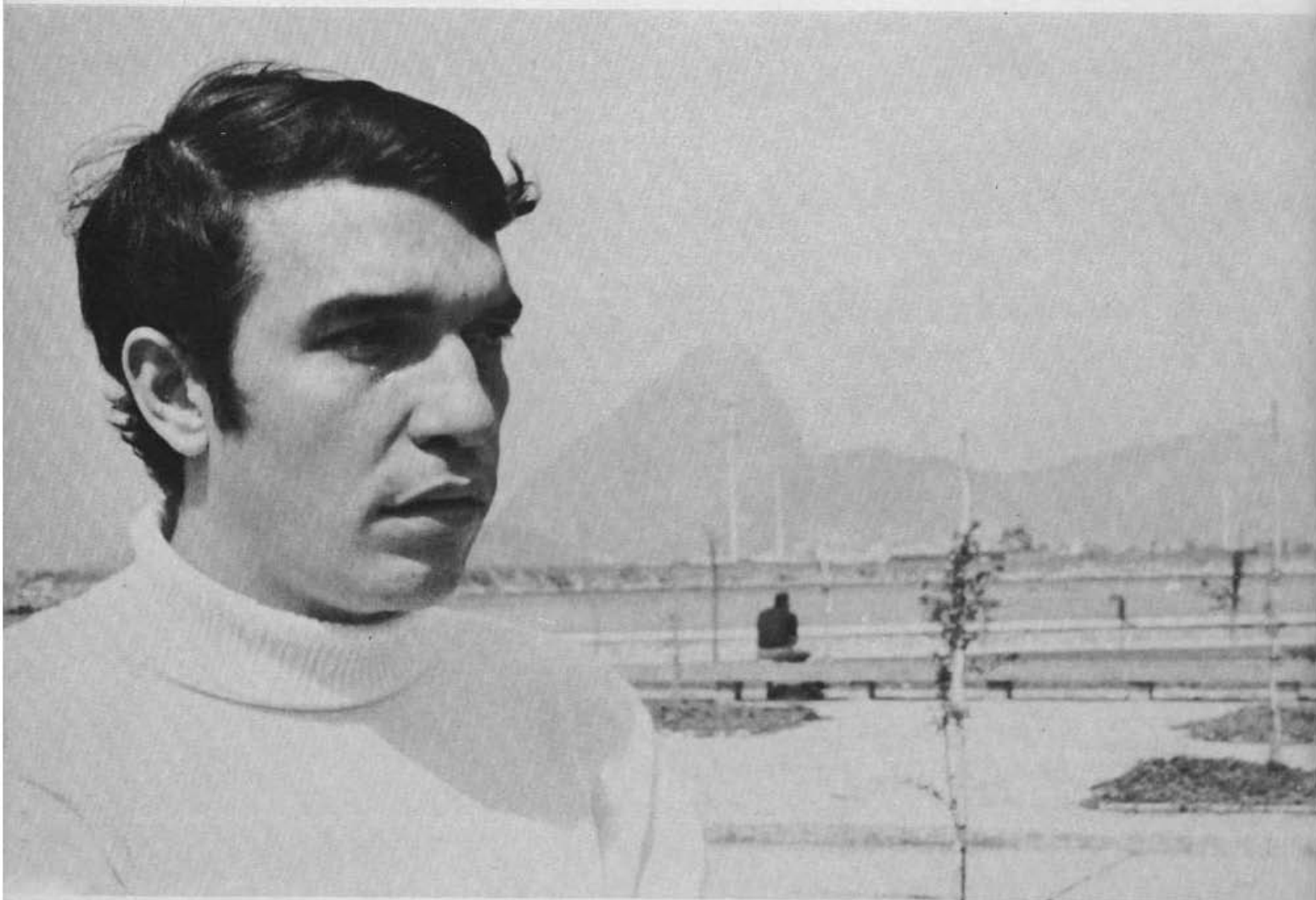
Sinfonia Amazônica

O desenho animado de Anélio Latini Filho, *Sinfonia Amazônica*, seria, em 1953, não apenas o primeiro longo que se fazia no Brasil, como também faria escola posteriormente: o curto premiado de Stil, *Batuque*, é uma fantasia criada a partir da música de Lorenzo Fernandez, com monstros da mitologia amazônica; *Presente de Natal*, de Alvaro Henriques Gonçalves, tem uma boa parte ambientada na selva amazônica e amplia a experiência do autor com o curta *Estória do Índio Alado*, tirado de uma lenda das nossas selvas.

Mas, a Amazônia — esse celeiro de bons motivos para cinema — não deverá ficar só naqueles desenhos animados, se Anélio concluir seu *Kitan da Amazônia* e Alvaro concretizar *As Aventuras do Curumim*, ambos longas e coloridos.

NOS SEUS DESENHOS, ANÉLIO LATINI FILHO MOSTRA A INFLUENCIA DO GRAFISMO DE WALT DISNEY





Aos doze anos de idade, — segundo conta o próprio Anélio — êle (um garoto nascido em Friburgo), chegou a filmar um desenho animado com seis minutos de duração. Daí por diante, estudou a técnica do *cartoon*, leu muito *gibi* e rabiscou as suas próprias tiras, sempre observando atentamente o que os cutros (principalmente os norte-americanos) estavam fazendo de bom.

Também um apaixonado pelo nosso folclore, Latini pediu a Joaquim Ribeiro que lhe escrevesse o argumento de um desenho animado que pretendia realizar. Era o sonho dourado de um rapaz de 24 anos, fã de Walt Disney. Joaquim reuniu sete lendas e, como fôsem da região amazônica, Latini batizou seu filme de *Sinfonia Amazônica*.

Sôzinho, colocou-se em ação. E como um desenho animado parte sempre de uma trilha sonora pré-gravada, Latini começou pela música de fundo, que deveria ser de Villa-Lôbos. Mas ninguém

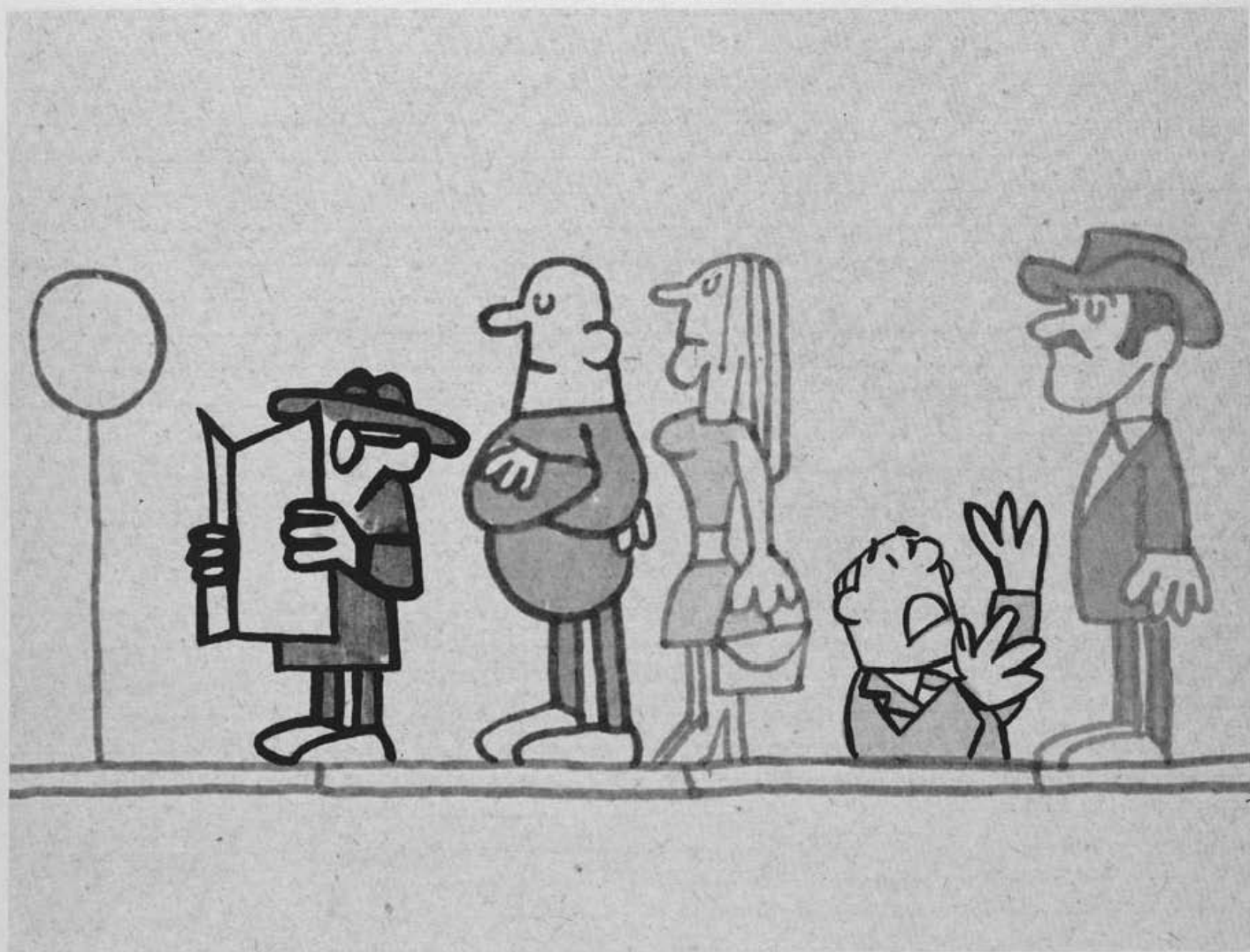
tinha tempo a perder com um rapaz de 24 anos, tentando fazer pela primeira vez no Brasil um desenho animado de longa-metragem: os direitos autorais não lhe foram cedidos. Quando êle se voltou para o repertório clássico internacional, caído em domínio público, não encontrou uma orquestra sinfônica que tocasse de graça. Uma vitrola de corda (como se pode ver num documentário filmado na época e que acompanhou a exibição de *Sinfonia Amazônica*) ajudou-o a vencer êste primeiro obstáculo.

Muitos outros obstáculos se antepuseram ao jovem audaz: o mais duro, sua inexperiência numa tarefa jamais empreendida em nosso país. Depois, o fato dêle querer fazer sôzinho o que os estrangeiros conseguiam com uma equipe que várias vezes atingiu a centena de artistas e técnicos.

Sinfonia Amazônica tem por abertura uma "Alvorada". Seguem-se sete lendas: 1) — da Noite (o nascimento da

Noite, quando três índios curiosos rompem um caroço de tucumã, que lhes fôra confiado pela terrível Cobra Grande); 2) — da formação do rio Amazonas (pe'las lágrimas de Jacy, a Lua, e de um pássaro noctívago, o Uru Tau, seu apaixonado); 3) — do Fogo (quando Japu, um valente guerreiro, traz o fogo para a sua tribo, mas queima o rosto e Tupã o transforma em pássaro de bico vermelho); 4) — do Jabuti (que faz uma f'auta de canela de onça); 5) — da Yara (a linda sereia da floresta); 6) — do Jurupari (o pesadelo que atormenta o sono do pequeno índio Curumim) e 7) — do Arco-Íris (a Cobra Grande que sai do rio, sobe ao céu e se transforma na serpente das sete cores).

São sete episódios diferentes, mas interligados pelo personagem central do filme, o Curumim, que faz uma viagem com seu amigo peixe, o Bôto (em *Presente de Natal*, de Álvaro Henriques



Gonçalves, duas crianças, em companhia do Saci, viajam pelo Amazonas e de lá partem para outras terras).

Adepto do alto padrão técnico alcançado por Walt Disney, Latini se esforçou com seus poucos recursos por realizar uma obra que em vários momentos se assemelha (ou faz lembrar vagamente) o grande mago do desenho animado. Para dar aquele sentido de terceira dimensão dos filmes de Disney, Latini — embora na época impossibilitado de filmar em cores, já que nem laboratórios para isto existiam no Brasil — desenhou os cenários em cores. Em certos momentos, para acentuar a fantasia, Latini chegou a empregar tintas fosforescentes. Ele pretendia exibir o filme numa tonalidade azul, mas acabou lançando-o mesmo em branco e preto.

Presente de Natal

As mesmas dificuldades provaria Álvaro

Henriques Gonçalves anos mais tarde, antes de concluir e estrear *Presente de Natal*, primeiro cartoon, a cores, nacional.

Manaus foi o amplo cenário das diversas tentativas artísticas de um garoto arteiro, que, entre outras coisas, era capaz de construir no porão um rudimentar projetor de filmes, depois de muito indagar de Silvino Santos, o pioneiro do cinema no Amazonas.

No entanto, sua terra era pequena demais para quem desejava realizar desenhos animados. Largou o emprêgo de desenhista no IBGE e rumou para São Paulo. Primeiro tentou a televisão, depois concluiu (em 1969), um desenho curto, *Estória do Índio Alado*, que fez em 40 dias, em tempo integral.

Pouco exibido (a primeira vez no Festival de Marília), o filme serviu apenas para testar as possibilidades de um longa-metragem. Assim surgiu *Presente de Natal*, feito à noite, em casa, com uma

Mitchel movida a macaco de caminhão.

Numa homenagem à sua terra e à sua gente, Álvaro estreou-o em Manaus, nos dias 1 e 2 de fevereiro de 1971, no cine Avenida. Conseguir, assim, ser o primeiro brasileiro a concretizar um cartoon colorido longo.

Possivelmente, *Presente de Natal* possa reivindicar um outro título, este mundial: o primeiro desenho longo na linha primitivista, ou ingênua. Álvaro conta a estória de João e Míriam, duas crianças cujo pai não pôde presentear no Natal, mas que ganham do próprio Papai Noel um passeio a'áido pelo Brasil, num trem de renas conduzido pelo Saci.

Os traços de Álvaro não são elaborados, a perspectiva dos seus desenhos é achatada, sem relêvos, como na pintura primitivista. Sua técnica é precária, mas não mediocre, e sua estória é ingênua, porém sincera. O filme atinge em cheio as crianças ainda em idade escolar. ● □